

De substantivo plural a singular: a transformação das classes trabalhadoras em classe operária

Alexandre Barbosa Fraga*

Resumo: Este artigo confronta as teorias de Thompson e Hobsbawm a respeito da época e das circunstâncias em que as classes trabalhadoras inglesas transformaram-se em classe operária.

Palavras-chave: Thompson, Hobsbawm, classe operária, classes trabalhadoras, Inglaterra.

I – A formação da classe operária

Thompson e Hobsbawm indagaram-se sobre uma mesma questão: quando e como as classes trabalhadoras transformaram-se em classe operária? Para ambos essa transformação é um fenômeno histórico que ocorreu na sociedade inglesa, mas enquanto para Thompson a classe operária se formou de 1780 a 1832, para Hobsbawm isso somente ocorreu bem mais tarde, de 1870 a 1914. Dessa forma, há entre eles uma discordância no aspecto temporal que, como será aqui retratado, tem por trás uma interessante diferença teórica.

Edward P. Thompson, em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, estudou o processo de fazer-se da classe trabalhadora na Inglaterra. Os trabalhadores antes de serem operários, reagiram para se manterem artesãos. Para ele, neste processo de transformação econômica, a classe trabalhadora estava em luta, querendo reagir à implementação do regime capitalista. Os tecelões e artesãos aproximaram-se por meio dos costumes, das tradições e dos valores que tinham em comum e reagiram coletivamente contra o trabalho assalariado.

Para Thompson, é discutível a idéia de que foram os operários que formaram o verdadeiro núcleo do qual o movimento trabalhista retirou suas idéias, organização e liderança. Para ele, em muitas cidades inglesas, isso foi formado por sapateiros, tecelões, seleiros, livreiros, impressores, pedreiros e pequenos comerciantes. "No princípio da década de 1830, os tecelões manuais do algodão superavam todos os homens e mulheres empregados nas fiações e tecelagens industriais de algodão, lã e seda somados" (THOMPSON, 1987b: 15).

Entre 1780 e 1832 já haveria a formação da classe operária, por conta da consciência de uma identidade de interesses entre esses diferentes grupos de trabalhadores e por haver uma crescente organização política e industrial (sociedades de auxílio mútuo, movimentos religiosos e educativos, organizações políticas, periódicos). "O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril" (THOMPSON, 1987b: 17).

A imprensa operária vinha amadurecendo o movimento cartista. Os "não-franqueados", jornais semanários que não pagavam o imposto estipulado na legislação sobre as taxas de franquia das publicações, traziam notícias sobre as lutas e debates sobre a teoria

* Alexandre Barbosa Fraga é Graduado em Ciências Sociais pela UFRJ e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ.

sindical e socialista. "O exame desse período ultrapassa os limites deste estudo, levando-nos a uma época em que a classe operária não se encontrava mais em seu fazer-se, já estando feita (em sua forma cartista)" (THOMPSON, 1987c: 323).

A lógica capitalista e o comportamento tradicional dos artesãos encontravam-se em conflito, que era verificado na resistência a novos padrões de consumo, a uma disciplina do tempo, à inovação técnica e à racionalização do trabalho. Esses trabalhadores construíram-se como classe no processo em que sentiram uma identidade de interesses entre si e contra os dirigentes: "A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus" (THOMPSON, 1987a: 10).

As formas de luta encontradas nesse conflito se deram através, por exemplo, dos movimentos do luddismo e do cartismo. Foi através desses movimentos que os artesãos reagiram à implementação do industrialismo. Por trás desses movimentos havia uma ação que refletia os valores de uma coletividade. Esse tipo de reação já era uma luta de classes.

Dessa forma, a consciência da identidade de interesses entre os trabalhadores das diferentes profissões somente existia de forma fragmentária na Inglaterra de 1780, mas em 1832 já podia ser sentida em todo o país, revelando assim, segundo o autor, a formação da classe operária inglesa.

Diferente de Thompson, para Eric J. Hobsbawm, em "O Fazer-se da classe operária, 1870-1914", é possível delimitar historicamente a época em que as classes trabalhadoras transformaram-se na classe operária como sendo de 1870 a 1914. Veremos sob quais circunstâncias, segundo esse autor, as classes trabalhadoras passaram de substantivo plural para singular nessa época.

Thompson entende a formação de uma classe operária no período anterior ao cartismo e durante este movimento, porque ele não está preocupado com a situação madura da classe operária, nem com a forma como ela é percebida pelas outras classes. Segundo ele, a classe acontece quando os trabalhadores se agregam para lutar contra o estabelecimento de uma prática de trabalho inovadora, o trabalho assalariado. Como Hobsbawm está preocupado não somente com a forma como a classe operária se vê, mas também com a forma como ela é vista pelos demais atores sociais, para ele "a classe trabalhadora não estará "feita" até muito depois do final do livro de Thompson" (HOBSBAWM, 1987: 275).

Segundo Hobsbawm, as classes estão sempre mudando, mas é possível delinear a emergência da classe operária enquanto grupo social durante certo período. A percepção de uma classe operária única, singular, foi possível por uma série de fatores: o uso de boné chato pelos proletários britânicos, o ambiente físico no qual viviam, o estilo de vida e de lazer que apresentavam, e a consciência de classe expressa na afiliação a sindicatos de proletários e na identificação com um partido de classe, o Trabalhista. Dessa forma, é necessário levar em conta as condições de vida, mas também as práticas políticas.

Para uma compreensão da formação da classe operária é necessário entender as maneiras como a expansão de uma nova economia industrial afetou o proletariado. Em primeiro lugar, a classe operária aumentou muito em tamanho absoluto e em

concentração. Em segundo lugar, a composição ocupacional das classes trabalhadoras mudou substantivamente, aumentando o número de ferroviários e de mineiros. Mudou também a sua composição etária e por sexo, com a diminuição do emprego de crianças em idade escolar e a introdução modesta, porém inovadora, das mulheres em indústrias fabris que não as do ramo têxtil.

Em terceiro lugar, houve a integração nacional e o crescente papel do Estado tanto nessa integração quanto na concentração cada vez maior da economia nacional e de seus setores. Em quarto lugar, houve a ampliação do direito de voto. Para Hobsbawm, esses quatro fatores são importantes, porque sem eles é difícil entender como aquele agregado de microcosmos que formava o mundo do trabalho britânico pôde se transformar num fenômeno nacional.

Foi durante o período de 1870 a 1914 que o boné chato tornou-se característico do proletário britânico. Dessa forma, os trabalhadores ingleses adotaram o uso de um símbolo que imediatamente os identificava como membros de um grupo e expressava uma identidade comum. O seu uso permitia tanto que os trabalhadores se percebessem como classe, quanto que fossem reconhecidos assim pelos grupos não operários e pelo Estado.

A década de 1880 é um marco para a formação da classe operária, porque a partir dela há transformações substanciais nas suas condições materiais de vida. Uma referência dessa classe passa a ser a lanchonete de peixe e fritas, o que demonstra certa padronização de gosto dos operários. Há também uma transformação do seu padrão de lazer e de férias e a ascensão do futebol como esporte para proletários.

Após 1870, houve o surgimento da habitação regulamentada, produzindo muito do ambiente de vida da classe trabalhadora. Passaram a existir ruas, distritos e até mesmo subúrbios destinados à classe operária. Também houve o surgimento, na década de 1880, do transporte público de massa a baixo preço. Configurou-se, então, uma segregação residencial.

A expansão do direito ao voto abriu a possibilidade de que alguns operários fossem para o Parlamento, podendo falar diretamente em favor dos interesses dos trabalhadores. Cada vez mais, as massas de operários britânicos consideravam o voto Trabalhista, em representantes da classe operária, como consequência automática de serem trabalhadores.

Com a possibilidade de existirem operários no Parlamento, seus pares passaram a não só poderem reivindicar ações mais imediatas, como a jornada legal de oito horas, salário mínimo garantido e melhor segurança física no trabalho, mas terem a oportunidade de fazer parte das decisões da Inglaterra de uma forma mais ampla, do pensamento sobre o projeto de país.

Dessa forma, Hobsbawm deixa claro que entre 1880 e 1914 a soma de todos esses fatores citados é uma percepção crescente de uma classe operária única com consciência de classe. Embora ainda houvesse algumas diferenças internas, a classe operária estava aglutinada através de um destino comum. Fazia cada vez menos sentido falar em "classe dos mineiros" ou em "classe dos ferroviários", porque o que estava formada era a classe operária inglesa.

II – Considerações finais

Thompson e Hobsbawm divergiram teoricamente a respeito de como e quando as classes trabalhadoras passaram de substantivo plural para singular. O interessante é que a análise de um não desqualifica necessariamente a do outro, uma vez que eles se basearam em pressupostos teóricos distintos.

A chave para compreender a diferença entre esses dois autores está no fato de eles terem preocupações um tanto distintas. Enquanto Thompson parece estar preocupado com a visão interna à classe, de uma consciência de interesses em comum que faça com que os trabalhadores se percebam como um grupo; Hobsbawm parece ter duas preocupações, tanto com a visão interna à classe, quanto com a visão de outros grupos, a visão externa. Na sua lógica, a classe operária não se define só por si mesma, mas pelo fato, por exemplo, do Estado a perceber como classe.

Para Thompson, a união dos trabalhadores ingleses entre 1780 e 1832, quando passaram a sentir uma identidade de interesses entre si e contra seus dirigentes, já revela o surgimento da classe operária, que luta e protesta através, por exemplo, do luddismo e do cartismo. Hobsbawm acredita que, em certo sentido, Thompson acertou ao datar o surgimento da classe trabalhadora na sociedade britânica do início do século XIX, mas, segundo ele, é entre 1870 e 1914 que a classe operária emerge enquanto grupo social, uma vez que somente nessa época ela se reconhece e é reconhecida como um coletivo institucional.

Dessa forma, através da comparação da interpretação desses dois autores é possível compreender melhor como a classe operária foi formada. Seja através da reação de artesãos que se constroem como atores políticos reagindo contra a imposição do trabalho assalariado, seja através de manifestações institucionalizadas de um partido político que tem possibilidade de colocar operários no Parlamento.

Referências Bibliográficas:

HOBSBAWM, Eric J. "O Fazer-se da Classe Operária, 1870-1914". In: *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, "A árvore da liberdade", vol. I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, "A maldição de Adão", vol. II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, "A força dos trabalhadores", vol. III, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987c.